



Arquivo

Presidente da Fiesp garante que dívida pode ser paga

Em NY, Vidigal pedirá moderação a banqueiros

A comunidade financeira internacional deve conter sua voracidade em cobrar a dívida do Brasil, para não correr o risco de estourar o País e não receber mais nada. Essa firme posição, já manifestada na última segunda-feira a Henry Kissinger, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, defenderá em Nova Iorque, dia 26, para mais de 30 banqueiros credores do Brasil. Ao tentar transmitir a preocupação da iniciativa privada quanto à dependência do relacionamento com os bancos, Vidigal demonstrará que o País tem condições de pagar, desde que o aperto não seja demasiado. Após participar, como convidado, da reunião do FMI, amanhã em Washington, Vidigal garante o espaço do empresariado nas decisões econômicas internacionais ao manter esse encontro informal com os banqueiros. Afinal, como ele mesmo lembrará aos credores, "o governo muda, mas as empresas continuam".

Esse espaço, hoje internacional, Vidigal já conquistou na política econômica nacional. Primeiro, como representante da iniciativa privada no Conselho Monetário Nacional — participação que vem sendo duramente criticada pela própria classe empresarial, que a considera passiva e concordante com a posição do governo, como ocorreu com o pacote econômico do último dia 12. Depois, pela defesa de algumas teses, como a que transmitiu, no mesmo dia da reunião do CMN à Comissão Mista do Congresso que analisa o projeto de política nacional de informática. Nesse caso há mais elogios, porque ele próprio assume a posição crítica à "ilimitada abrangência do controle do governo", à alarmante intervenção do Estado que inviabiliza a participação da iniciativa privada.

Com 45 anos, de idade, expondo-se publicamente desde 1968 como diretor do Sindipeças e da Fiesp, depois como presidente por dois mandatos do Sindicato e vice da Federação, de 1974 a 80, ano em que venceu a acirrada disputa com Theobaldo De Nigris, que conduzia a entidade paulista há 14 anos, Vidigal é uma personalidade controversa. Fez muitos amigos e alguns inimigos, ou pelo menos contestadores. Os maiores rompimentos foram com Luís Carlos Bresser Pereira, Antonio Ermírio de Moraes, Nildo Masini e Dilson Furraro, que saíram do Conselho Superior de Economia — um dos inúmeros criados em seu mandato — e da diretoria da Fiesp, além do afastamento estratégico do vice-presidente e diretor do Departamento de Economia, Cláudio Bardella. As divergências se deram, principalmente, porque esses empresários queriam uma posição mais crítica da entidade com relação à política econômica do governo. A censura a esse "alinhamento", como denominaram industriais do setor têxtil, no ano passado, provocando uma áspera resposta de Vidigal de não abrir mão do "alinhamento ideológico com o presidente Figueiredo", não faz parte apenas do passado. Em 1982, Vidigal entrou em polêmica com Nildo Masini, que o acusou de aprovar medidas importantes para a Nação em reunião do CMN, realizada por telefone, e na última semana foi literalmente "sabatinado" por seus companheiros de diretoria por concordar com o último pacote do CMN.

Rótulos também não lhe faltam. Foi apontado como liberal por ter sido o primeiro a procurar, em 1977, o então líder metalúrgico Luís Ignácio da Silva, e por pregar, em agosto de 83, ao ser reempossado na presidência

da Fiesp (com a chamada chapa de composição e não mais de oposição), um pacto social verdadeiro. Acumulou títulos de intransigente e conservador, pela veemente defesa do sistema capitalista: "Somente através do lucro e da melhor distribuição de renda os problemas entre capital e trabalho poderão ser superados"; e pela inflexibilidade nos momentos de impasse em acordos sindicais. Outros não o poupam de acusações de falta de coerência ou de posições evasivas, quanto ao controle de preços e de importações, ou na demora em apontar os efeitos perversos do Decreto nº 2.065.

Alguns contrapõem o comportamento combativo do início de mandato, com uma atual posição de passividade frente aos problemas nacionais. Esses lembram a época em que Vidigal travou batalha pela redução dos juros, culminando em propostas ao governo, ou ao liderar a frente anti-inflação em 1982, ou ainda ao exigir que o governo saldasse a dívida das estatais com o setor privado. Mas o antigo defensor do "trabalho em equipe", que condenou o empresariado pela "falta de liderança e omissão", hoje, segundo seus críticos, parece querer centralizar decisões e, quando ouve os gritos contra a recessão, condena "o pessimismo e a síndrome apocalíptica".

As divergências também são grandes na área política, quer por seu apoio público ao PDS, na disputa pelo governo do Estado, ou agora por estar "em cima do muro" na sucessão presidencial, preferindo a defesa "evasiva" do sistema parlamentarista a uma definição dentro das regras do jogo.

Polêmicas à parte, uma qualidade parece ser reconhecida de forma unânime, a que lhe conferiu o prêmio de administrador emérito do Conselho Regional de Técnicos de Administração, no último dia 13. "Administrar em tempo de crise é um grande desafio" — um desafio que aceitou primeiro como executivo do departamento jurídico da Cobrasma, empresa do setor ferroviário e de bens de capital pertencente à família. Desse começo, em 1963, o recém-formado bacharel em direito da Faculdade de São Francisco descobriu sua verdadeira vocação: administração financeira, aperfeiçoada num curso na Universidade de Illinois (EUA) e em estágios posteriores. Assim, passou a assistente do departamento financeiro da Cobrasma e, hoje, ocupa a vice-presidência.

As atividades empresariais, porém, estão restritas ao período da manhã, pois o restante do dia é dedicado à Fiesp, participando de reuniões da diretoria, recebendo autoridades e visitas nacionais ou estrangeiras, mantendo contatos periódicos com ministros ou membros do Congresso, em Brasília, com empresários na CNI no Rio, ou em outros Estados ou ainda no Exterior. Dessa agenda, que começa às 7 horas e dificilmente termina antes da meia-noite, a esposa Lygia e os filhos Luís Eulálio, Silvia e Luís Fernando são os que mais reclamam, pois só partilham sua companhia nos fins de semana "sagrados" no sítio em Itu.

O segundo e último mandato na Fiesp termina em 86, mas Vidigal duvida que terá mais tempo para dedicar ao lar. Afinal, sua liderança hoje é indiscutível, podendo almejar desde cargos políticos, ministeriais ou mesmo dentro da atividade empresarial, onde promete continuar defendendo uma política industrial que acabe com a recessão, por meio do controle dos gastos públicos, de juros mais baixos; política monetária e creditícia realista, política fiscal coerente e política salarial justa.